

PEDAGOGIA ECO-ANCESTRAL EM PRÁTICAS DECOLONIAIS: ESCRITURAS LITERÁRIAS DE MULHERES NEGRAS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Patrícia da Silva Souza ¹
Patrícia Cristina de Aragão ²

RESUMO

presente artigo referenda um recorte de pesquisa de Mestrado Profissional (PPGFP-UEPB), na Escola João XXIII, Instituição do Campo no município de Pocinhos-PB. Com objetivo discutir sobre a importância de autoria negro-feminina na literatura infantojuvenil, numa perspectiva antirracista e decolonial a partir da análise da obra literária o Black Power de Akin (2020), autoria de Kiusam de Oliveira e, enveredar o entrelace entre literatura e a pedagogia Eco – ancestral na construção literária infantojuvenil para (re) construções identitárias das crianças e infâncias de maneira positiva, de forma a combater o racismo vivenciado no contexto da sociedade. Apresenta uma abordagem metodológica bibliográfica e descritiva, alicerçados na pesquisa-ação, partimos de estudos literários e análises de documentos relativos à temática étnico-racial, seguida, das narrativas vivenciadas com oficinas literárias numa turma de 5º ano, Escola do Campo, pertencente ao Município de Pocinhos-PB. O embasamento teórico na Lei Federal 10.639/2003, e autores como Oliveira (2020), Moreira (2019), Cosson (2009), Duarte (2011), entre outros. A partir deste estudo, reflexões e vivências constatamos o papel preponderante que a literatura infantojuvenil de escrita negra feminina exerce na (re) construção e (re) existência da identidade e dos corpos negros de meninos, como descortinar o racismo ainda silenciado e camuflado, no contexto infanto-juvenil, corrobora na construção de pensamento crítico e reflexivo de forma positiva e empoderada da negritude e identidade negra, entrelaçada com a pedagogia eco-ancestral de forma a combater as multifaces do racismo e a necropolítica social.

Palavras-chave: Escritoras Negras, Pedagogia Eco- ancestral, Empoderamento Negro, Infâncias, Literatura Afro-Brasileira.

INTRODUÇÃO

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto

¹Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores; Graduada em Pedagogia-UEPB; Membro dos grupos de Pesquisa; HISTÓRIA, ENSINO E CULTURA. E, Tecnologias, Educação, Mídias e Artes-GPTMA, na linha de Infância, Juventude e Mídias, vinculado ao CNPq e a Universidade Estadual da Paraíba-UEPB. Membro Do Núcleo De Estudos Afro-Brasileiro E Indígena da UEPB-Campus I. Professora Efetiva nos Municípios de Queimadas e Pocinhos-PB. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0785113939018184>; E-mail: pipatricia278@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-4916-606X> ;

²Doutora em Educação. Professora do Departamento em História da universidade Estadual da Paraíba. Professora do Programa de Pós -Graduação em Formação de Professores e do Programa de Pós -Graduação em Serviço Social. Membro dos grupos de Pesquisa; HISTÓRIA, ENSINO E CULTURA. E, Tecnologias, Educação, Mídias e Artes-GPTMA, na linha de Infância, Juventude e Mídias, vinculado ao CNPq e a Universidade Estadual da Paraíba-UEPB. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6734404565435352> E-mail: patriciaaragao@servidor.uepb.edu.br ; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5046-0916>;

nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. Em segundo lugar, a pode ser um instrumento consciente e desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição de direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. Tanto num nível quanto no outro ela tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos. (2011, p. 188).

A literatura afrobrasileira apresenta possibilita ações educação que visem promovem uma educação antirracista na perspectiva decolonial. A mesma apresenta um potencial formador contribuindo para uma perspectiva que provoque e envolva as pertenças étnicas a partir do ambiente de sala de aula. As escrituras literárias de mulheres negras, tem contribuído nestes sentido, para o desenvolvimento de práticas movedoras de ações antirracistas que possam debater questões relativas a luta contra o racismo, sexismo, machismo, patriarcado capitalista e misoginia no contexto da sociedade brasileira. Pois, *“A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidades dialeticamente os problemas”*. (Cândido, 2011, p. 177).

Em vista disso, as narrativas literárias consistem na educação escola sobretudo na educação de crianças dos anos iniciais em viagens educativas e formativas construtivas e pedagógicas, formando uma dialogicidade entre autor/a e leitor/a no entrelace de vozes e pensamentos na construção emancipatória social, política, humana e humanizadora na intersecção dos valores interligados aos direitos humanos, da liberdade democrática, identitária e emancipatória.

A Lei Federal 10.639/2003, que completou 21 anos, é um marco legal fruto de ações do movimento negro que colabora e contribui na culminância de debates sobre o lugar da história e cultura negra no contexto da sociedade brasileira.. A referida lei, determina reparação, valorização e reconhecimento ao povo negro brasileiro, a partir dos estudos da história e cultura africana e afro-brasileira, como forma de combater toda forma de racismo ainda presente no país, em virtude da cultura de ódio, inferioridade de raça, promovendo durante séculos marginalização e subalternização ao povo negro através das relações sociais e de poder nas esferas da sociedade. Nesse sentido, as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Etnico-raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana, dialoga:

Combater o racismo, trabalhar pelo fim da desigualdade social e racial, empreender reeducação das relações étnico-raciais não são tarefas exclusivas da escola. As formas de discriminação de qualquer natureza não têm o seu nascedouro na escola, porém o racismo, as desigualdades e discriminações correntes na sociedade perpassam por ali. Para que as instituições de ensino desempenhem a contento o papel de educar, é necessário que se constituam em espaço democrático de produção e divulgação de conhecimentos e de posturas que visam a uma sociedade justa. (DCN, 2004, p.14-15).

Partindo do contexto de combate do racismo e do pressuposto de literatura como direito da humanidade, focaremos nesse estudo a intersecção de autoria femina negra e na maneira como esta pela literatura aciona a memória e experiência sociais, numa escrita singular mas também plural, que tenciona os sentidos e questionamentos sociais abrem vários caminhos que interseccionam é um mesmo lugar, da memória ancestral

Dessa maneira, este trabalho objetiva enveredar nos caminhos da Educação antirracista e da pedagogia decolonial, como forma de efetivação da legislação da 10.639/2003 na educação básica, na reconstrução identitária das/dos estudantes negras/os e não-negras/os, na ressignificação da historicidade e cultural da nossa ancestralidade negra de maneira afirmativa. Bem como, promover um currículo que contemple a diversidade de saberes e fazeres dos povos excluídos historicamente em todos âmbitos da sociedade, como forma de reparação, reconhecimento e valorização dos povos originários e negro-brasileiro, com evidencia nesta narrativa, ao povo negro.

METODOLOGIA

Com abordagem metodológica bibliográfica e descritiva de pesquisa-ação Tripp (2005), o embasamento teórico bibliográfico pautado em documentos oficiais e autores como Oliveira (2020), Moreira (2019), Duarte (2011), nas discussões sobre literatura e o entrelace com a Pedagogia Eco-ancestral. As oficinas foram metodologicamente planejadas na perspectiva de letramento literário e racial crítico, nas concepções da sequência básica de Rildo Cosson (2009), de Cruz(2012), com prática leitora, que permite um diálogo entre a narrativa e o leitor/ a nas/das infâncias para ressignificação de conceitos, atitudes e anseios de sua história identitária e, de Aparecida Maria de Jesus Ferreira (2014, 2022), didaticamente articulada para formação e emancipação do pensamento crítico no combate ao racismo e a branquitude na sociedade e reconhecimento da importância da negritude e identidade negra brasileira.

Para tanto, discutiremos em primeiro momento as perspectivas da educação antirracista decolonial, seguida do entrelace da pedagogia eco-ancestral ou da ancestralidade, vinculados ao contexto literário de autoria negra e feminina. Posteriormente, apresentamos o relato de prática pedagógica experienciadas nas oficinas com a Literatura o Black Power de Akin e os/as estudantes da turma do 5º ano da Escola Municipal João XXIII (Escola do Campo), pertencente ao município de Pocinhos-PB.

REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção discutiremos sobre a relação entre educação e literatura numa perspectiva antirracista. Visto que na base formacional brasileira, o racismo está na estrutura, provocando mudanças nas representações sociais de povos, suas histórias e culturas. Algumas concepções acerca do racismo estrutural como forma sistêmica relacionados de maneira individual e institucional, uma vez que, estão nas ambiências das estruturas da sociedade, com articulações que limitam o povo negro aos espaços do poder, sejam eles em empresas privadas, instituições de ensino ou a qualquer espaço social que deliberem poder seja do cunho político, econômico, jurídico e educativo. Como corrobora, (Almeida, 2019, p.34)

O racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre “pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição”. Nesse caso, além de medidas que coíbam o racismo individual e institucionalmente, torna-se imperativo refletir sobre mudanças profundas nas relações sociais, políticas e econômicas.

Muitas vezes, inicia no contexto escolar, através de práticas preconceituosas ou discriminatórias. Nesse sentido, a distinção e definição ajuda apontar tais ações. Dessa forma o preconceito racial, “*é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias*”, (Almeida, 2019, p.22), ocorre na sociedade de maneira direta e intencional, especialmente, dentro das instituições escolares. “*A discriminação racial, por sua vez, é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados. Portanto, a discriminação tem como requisito fundamental o poder[...]*,” Almeida, (2019, p. 23). O poder gerado tanto nas ações de preconceito e discriminação, desvela ações que culminam em racismo recreativo, que por sua vez, ajuda no adoecimento de crianças e jovens negros em suas diferentes realidades.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escritora Kiusam de Oliveira, Mulher negra, pedagoga, professora com vasta experiência na Universidade Federal do Espírito Santo, possui Mestrado em Psicologia e Doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo e Especialista na temática étnico-raciais, além de Bailarina e Coreógrafa. Educadora a mais de trinta anos, com

experiência desde Educação Infantil até o Ensino Superior.

Imagem: autora Kiusam de Oliveira



Fonte: Google imagens (2024).

Tem palestrado pelo país sobre a temática das relações étnico-raciais, focando em candomblé e educação; corporeidade afro-brasileira e cultura, a lei 10.639/2003. Além de contadora de histórias da mitologia afro-brasileira e escritora.³ Em entrevista ao programa Por Elas da TV Câmara Distrital, em 24 de agosto de 2022, transparece que:

Eu tenho uma literatura focada nas relações parentais, nas meninas. Eu demorei muito para publicar o Black Power de Akin, eu esperei 6 a 7 anos para publicar. Estava esperando um escritor negro escrever este tipo de texto. E, não teve! Até que veio a ancestralidade e falou: _é aquele texto que você vai tirar e colocar agora! E, eu tirei e coloquei para o mercado, que é o Black Power de Akin.”⁴

Na obra literária Black Power de Akin, a narrativa consiste na história de vida de Akin de 12 anos e seus irmãos: Femi de 4 anos, Kayin de 6 anos e seu avô seu Dito Pereira de 78 anos. Uma narrativa encantadora com elementos naturais de convívio de comunidades de campo, culturais que envolvem música, instrumentos, cantoria, trato com ervas e muitas histórias contadas pelo seu Dito Pereira enfeitada toda vida de Akin e seus irmãos. Até ser apresentada a problemática do racismo recreativo, revelada por Kiusam na narrativa do Black Power de Akin, representa às inúmeras realidades vivenciadas pelos meninos no país, sobretudo, nas instituições escolares de primeira fase de ensino fundamental. Com xingamentos e “brincadeiras” mau intencionadas, tais como: “**o cabelo de Akin é duro e torcido, duro e torcido!**”, Configura-se como racismo recreativo, Como define, Moreira, (2019, p.96):

O racismo recreativo permite que pessoas brancas mantenham uma

³ LITEROAFRO. Kiusam Regina de Oliveira. **LITEROAFRO: o portal da literatura afro-brasileira**. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/1055-kiusam-de-oliveira>. Acesso em: 17 de setembro de 2023.

⁴ Entrevista por elas, Kiusam de Oliveira. Na A TV Câmara Distrital é uma TV pública legislativa, que realiza transmissões 24 horas no Canal 9.3. Os vídeos no YouTube não são monetizados, e o pagamento de direitos autorais é realizado por meio do Contrato 39/2021-CLDF. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c1yEEYTq3DY> visitado em dezembro de 2023.

representação positiva de si mesmas ao encobrir a hostilidade racial por meio do artifício do humor. Ele possibilita a perpetuação da falsa representação da irrelevância do racismo no nosso país ao classificar piadas racistas derogatórias sobre negros como atos que não expressam desprezo ou condescendência. Dessa maneira, as diferenças de status cultural entre grupos raciais são referendadas, enquanto acusações de racismo são defletidas em função da representação de pessoas brancas como indivíduos comprometidos com o tratamento racial igualitário.

O racismo recreativo é uma das facetas das estruturas que são utilizadas pela sociedade colonialista para demarcar espaços de poder e inferior toda a pessoa negra, desde a mais tenra idade. É uma política de morte, pois fere a alma, desencadeia inúmeras doenças a partir da desumanidade que o sistema racista promove na vida de crianças e jovens.

É uma episteme intitulada de pedagogia Eco-ancestral ou da ancestralidade que são evocada a partir das escritas literaturas, ela conduz ensinamentos para combater a política de morte (necropolítica), enraizado nas vivências do racismo estrutural e evidenciado no cotidiano do povo negro nas diferentes esferas sociais, sobretudo, nas ambiências escolares. Como a autora apresenta a definição:

A Pedagogia da Ancestralidade (ou Pedagogia Eco-Ancestral) estabelece uma ruptura provocada pela Decolonialidade: não se trata mais de falar pelo corpo, inclusive do outro, mas proporcionar situações para que o próprio corpo fale por si, uma vez que é alimentado pela cultura vivida na e pela carne. Esse corpo-templo que se ressignifica na e para resistência, com o propósito de se tornar um corpo-templo-resistência, pois resistir às atrocidades também é sagrado, acaba por estar conectado com a realidade vivida na coletividade, em seu entorno e dessa forma é um corpo capaz de sobreviver às barbáries sociais. (Oliveira, 2020, p.04).

Uma literatura do Encantamento, como forma de empoderar crianças negras mediante personagens como elas, com família, contextos familiares saudáveis, com estratégias capazes de fortalecê-las na superação das práticas racistas do cotidiano na superação das práticas racistas do cotidiano, entre tantas outras possibilidades de cruzamentos. Ela se opõe a episteme eurocêntrica e defende o fortalecimento da identidade africana e afro-brasileira, numa espécie de teia de conhecimento perpassando a historicidade do povo africano, construído em sua literaturas infanto-juvenis.

Configurando assim, um combate a toda ideologia de superioridade nas relações de poder que se estruturou no cenário brasileiro com olhares do português, povo branco. Nesse sentido, Duarte, (2011, p.11), reflete a importância da literatura infanto-juvenil afro-brasileira no processo construtivo de formação identitária, *“Enfim, essa literatura não só existe como se faz presente nos tempos e espaços históricos de nossa constituição*

enquanto povo; não só existe como é múltipla e diversa”.

Neste sentido, trabalho didático pedagógico elucidou-se com três oficinas temáticas a partir da literatura acima referendada, nos quais cada oficina composta de 4 aulas de 50 minutos, totalizando 12 aulas. Na primeira oficina, primeira etapa da sequência básica- **A Motivação**- Iniciamos com a motivação, através do curta metragem vista a minha pele, estudamos os significados de preconceito, discriminação e racismo. O curta-metragem "Vista minha pele", criado pelo MEC – Ministério da Educação, aborda a questão do preconceito racial. Nesta história invertida, os negros são a classe dominante e os brancos foram escravizados. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LWBodKwuHCM>. Seguida da música de Gabriel o pensador: racismo é burrice, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C-78APprtNE>.

Imagem : 1ª oficina da literatura O Black Power de Akin: visualização do curta-metragem "Vista minha pele"



Fonte: As autoras (2024).

Seguida da segunda etapa da sequência básica- **A Introdução** – Estudamos a biografia de autora Kiusam de Oliveira e adentramos na leitura dos elementos pré-textuais da literatura, posteriormente os/as estudantes realizaram a leitura individualmente e compartilhada. Posteriormente, na terceira etapa, **A leitura**- realizamos a leitura da literatura O Black Power De Akin; E, *nessa etapa evidenciamos intrinsecamente, a prática leitora de Cruz (2012), Introspecção, Imagem visiva e Interlocução*. No qual instiga ao estudante/colaborador interagir com a narrativa, primeiramente com introspecção, que acontece com empatia a partir da literatura lida, bem como, o enxergar-se nele; na imagem visiva como o estudante/colaborador compreende-se e reconstrói a narrativa de maneira imaginativa o entrelace de suas experiências com a literatura lida; e por fim, interlocução que consiste em diálogo do

leitor e a literatura, de modo que, analisa as narrativas com suas saberes experienciados e ressignificam de maneira crítica suas memórias frente ao enredo evidenciado.

Na última etapa da sequência básica- **A Interpretação** – propomos a partir de uma escrita interpretativa e compreensiva de maneira comparativa seu entendimento da literatura O Black Power de Akin, o curta-metragem assistido e letra/música: racismo é burrice (Gabriel o pensador). Apontamentos reflexivos a respeito do racismo, preconceito, discriminação para cada estudante/ colaborador/a, bem como, que ações poderiam ser evidenciadas como antirracistas.

A segunda oficina da literatura **O Black Power De Akin**, apresentamos como temática central: **A literatura e ancestralidade: Capoeira símbolo de resistência e (re) existência da cultura e história africana e afro-brasileira**. Objetivando: Identificar a capoeira como símbolo de resistência e (re)existência da historicidade cultural do povo negro brasileiro; identificar temáticas que a literatura referenda para compreensão da luta e resistência do povo negro brasileiro; conhecer algumas brincadeiras africanas trazendo-as para o convívio escolar, bem como, cantigas.

Iniciamos com a primeira etapa da sequência básica- **A Motivação**- Com a apresentação do Grupo de capoeira Brasil Pocinhos-PB. Seguida, da palestra com o grupo de capoeira com o mestre TETON: história da capoeira, instrumentos da capoeira, ritmos da capoeira; capoeira é um jogo, dança, luta, brincadeira? Instrumentos elementares para a realização da capoeira.

Imagem: 2ª oficina da literatura O Black Power de Akin- **capoeira: dança, luta ou jogo?**



Fonte: As autoras (2024).

O mestre da capoeira, Teton, palestrou um pouco sobre a história da capoeira, instrumentos da capoeira, ritmos da capoeira; capoeira é um jogo, dança, luta, brincadeira? Instrumentos elementares para a realização da capoeira. Nesse diálogo com os/as estudantes de toda escola o mestre Teton, relatou que a capoeira, é dança, é luta e é brincadeira, dependendo do objetivo no qual seja vinculado. Evidenciou, também

momentos da historicidade da cultura afro-brasileira, da proibição de qualquer ato que fizesse menção à capoeira e da discriminação social da capoeira. E, que depois da legislação 10.639/2003, aos poucos a população aceita a prática social e o engajamento na vida dos adolescentes no município de Pocinhos-PB.

A experiência nesta etapa da sequência didática foi encantadora, não somente pela palestra, sobretudo, por presenciar o brilho, encantamento e orgulho visível nos olhos de todas nos estudantes da turma que já praticavam a capoeira na cidade, bem como, no envolvimento de todos estudantes da instituição escolar, desmonstrados na participação fervorosa de todos nas ladainhas e na prática da na capoeira. Todos acompanharam os ritmos da capoeira e das cantorias realizadas pelo mestre de maneira involuntária, o corpo reage à ancestralidade evocada a partir da sonoridade ritmada,inegavelmente a cultura ancestral negro-brasileira se faz presente em nosso corpo-alma.

Dessa forma, notoriamente, uma educação antirracista é rica e superior a qualquer prática racista, ela une nas diferenças, pelo cuidado, pelo amor humano a humanidade. Corrompe as estruturas racistas que ainda permeiam as insituições escolares com circularidade, positividade, com inclusão, de corpo e alma, pois somos territórios da ancestralidade. A ancestralidade se faz presente em cada um de nós se precisamos evocada e retransmitida. Realizamos no segundo momento, **A Introdução-** a leitura a biografia da autora elementos pré-textuais capa e contracapa.

Posteriormente, a terceira etapa- **A Leitura-** leitura da literatura: O Black Power De Akin, de maneira individual. E, *nessa etapa evidenciamos intrinsecamente, a prática leitora de Cruz (2012), Introspecção, Imagem visiva e Interlocação.* No qual instiga ao estudante/colaborador interagir com a narrativa, primeiramente com introspecção, que acontece com empatia a partir da literatura lida, bem como, o enxergar-se nele; na imagem visiva como o estudante/colaborador compreende-se e reconstrói a narrativa de maneira imaginativa o entrelace de suas experiências com a literatura lida; e por fim, interlocação que consiste em diálogo do leitor e a literatura, de modo que, analisa as narrativas com suas saberes experienciados e ressignificam de maneira critica suas memórias frente ao enredo evidenciado

Na finalização da sequência- A Interpretação - Realizamos da roda de capoeira com os estudantes/ colaboradores e brincadeiras de origem africana, tais como: amarelinha africana e brincadeira terra-mar, com utilização da música: música amarelinha

africana, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sohf_4zjpmo. Esse momento, configurou-se como finalização da interpretação instigada na motivação com a capoeira e finalizada com algumas brincadeiras africanas, como a amarelinha africana e a brincadeira terra e mar. Na terceira e última oficina da literatura o Black Power de Akin, apresenta-se como temática central abordada: **Literatura o Black Power de Akin e a Medicina Ancestral**. Como objetivos da oficina: Identificar ervas medicinais e sua utilização para cura do corpo; identificar os elementos do gênero narrativo: conto: o black power de Akin; escrever receita de chás e remédios caseiros realizados na família que fazem parte da tradição popular ancestral

Na primeira etapa da sequência básica -**A Motivação**- referendamos a Escuta da música Povoada Sued Nunes: <https://www.youtube.com/watch?v=dIFzUVxAb8c;> Objetivando, identificar nossa existência e endossando a importância da ancestralidade perpassada pela herança familiar, principalmente, no trato com ervas medicinais, elucidadas na literatura. Em seguida, realizamos -**A Introdução** -Leitura dos elementos pré-textuais capa e contracapa com estudos da biografia da autora Kiusam de Oliveira e do ilustrador Rodrigo Andrade.

Na terceira etapa da sequência básica- **A Leitura** – realizamos a leitura da literatura: O Black Power De Akin, de maneira individual e colaborativa. E, *nessa etapa evidenciamos intrinsecamente, a prática leitora de Cruz (2012), Introspecção, Imagem visiva e Interlocução*. No qual instiga ao estudante/colaborador interagir com a narrativa, primeiramente com introspecção, que acontece com empatia a partir da literatura lida, bem como, o enxergar-se nele; na imagem visiva como o estudante/colaborador compreende-se e reconstrói a narrativa de maneira imaginativa o entrelace de suas experiências com a literatura lida; e por fim, interlocução que consiste em diálogo do leitor e a literatura, de modo que, analisa as narrativas com seus saberes experienciados e ressignificam de maneira crítica suas memórias frente ao enredo evidenciado.

E por fim, A Interpretação, realizamos a construção do roteiro de teatralização da literatura: O Black Power De Akin. Seguida do ensaio com as falas dos personagens para apresentação da literatura de maneira dramatizada na escola; e finalizamos com a construção de caderno de receita com ervas medicinais: herança ancestral, contendo receitas de chás para combater inúmeras enfermidades utilizados há séculos pela nossa ancestralidade africana, afro-brasileira, bem como, os povos indígenas, resistindo até a atualidade.

**Imagem: 3ª oficina da literatura: O Black Power de Akin: ensaio para
teatralização da literatura**



Fonte: As autoras (2024).

Configurou-se como momento importante para consolidar efetivamente a educação antirracista e decolonial na Escola João XXIII, Pocinhos-PB. Como direciona a Lei Federal 10.639/2003, estabelecendo a obrigatoriedade do Ensino de História e cultura Africana e Afro-brasileira em toda educação básica, em instituições escolares públicas e particulares de todo país, principalmente, nos componentes curriculares de arte, história e literatura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que a literatura contribui na produção do diálogo em sala de aula dos anos iniciais com saberes e práticas da cultura negra. E a literatura de escrita feminina traz nos seus marco potencia criativa na ação pedagógica porque apresenta a percepção de mulheres negras, sobre as pertencas identitárias negras que atravessam suas reflexões. Portanto, as escrituras literárias negra e feminina, apresentada neste estudo, desvelam na epistemologia da pedagogia eco-ancestral do encantamento, para criança negra e não negra, possam valorizar-se como criança negra na prática de leitura literária gerada por escritoras negras sobre o empoderamento negro, partindo de maneira lúdica, encantadora, educativa e humanizadora que evoca ancestralidade africana para uma construção identitário empoderado da criança negra e não negra. Vislumbram a partir das narrativas literárias, a intencionalidade e empoderamento da criança negra, no trato com a natureza e o corpo-templo-resistência, configurando-se como direito humano, uma vez que, direciona olhares para a cura de diferentes formas de violência que estão presentes nas infâncias.

A experiência pedagógica e democrática alçada num viés antirracista e decolonial permite humanizar a educação de crianças pois contribui com a dialogicidade entre os diferentes materiais pedagógicos, realidades e vivências numa sociedade contemporânea

e diversa para os estudantes negros/as e não negros/as, de forma positiva para que os mesmos tenham orgulho de pertencer a ancestralidade africana, no primeiro aspecto relevante, o continente africano como berço da humanidade, da história, cultura e educação e todas ciências relacionadas à humanidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural** -- São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. 2004.

CÂNDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. In: vários escritos. 5ª edição. Ouro sobre azul. Rio de Janeiro, 2011. COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

CRUZ, Maria de Fátima Berenice da. **Leitura literária na escola: desafios e perspectivas em um leitor.-** Salvador. EDUNEB, 2012. 228P.

DUARTE, E. (2011). **Literatura afro-brasileira: um conceito em construção**. Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea, (31), 11–23. Recuperado de <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9430> Acessado em: 05 de novembro de 2022.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Letramento Racial Crítico. In: **Suleando Conceitos E Linguagens: Decolonialidades E Epistemologias Outras**. Organizadoras: Landulfo, Cristiane; Matos, Doris. Editora: Pontes Editores. Campinas - SP-2022. -P. 207-214.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

OLIVEIRA, Kiusam de, 1965- **O Black Power de Akin**; Ilustração Rodrigo Luís de Andrade. – 1. Ed.-São Paulo: Editora de Cultura, 2020. 40 p.

OLIVEIRA, K de. (2020). Literatura Negro-brasileira do Encantamento Infantil e Juvenil. Abatirá - Revista De Ciências Humanas E Linguagens, 1(1), 03 - 14. Recuperado de <https://www.revistas.uneb.br/index.php/abatira/article/view/8845> Acesso em: 17 de setembro de 2023.